

Quais são, para vós, as formas mais simples de expressão da solidariedade anarquista com os/as prisioneiros/as da guerra social?

Como já temos dito, a prisão não é o monumento à derrota para um/a anarquista mas uma paragem no caminho, onde cada compa conhece melhor, tanto o seu inimigo como a si mesmo.

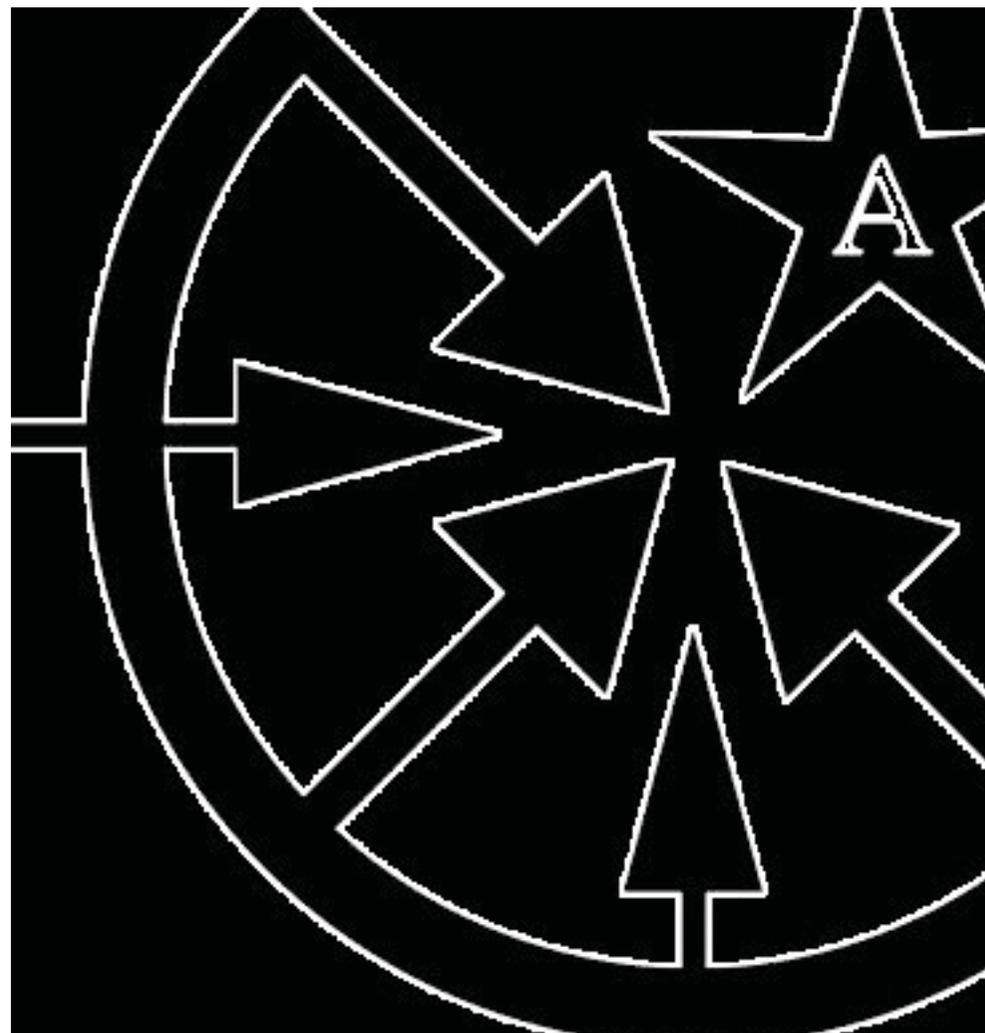
A solidariedade anarquista rompe o muro da solidão e o isolamento e dá-nos força interior frente aos nossos carcereiros. Quando a solidariedade é autêntica, então não se pode nem medir nem hierarquizar as suas formas.

Longe dos especialistas da solidariedade que a convertem numa farsa jocosa de humanismo e vitimização mutilando todas as nossas características combativas, a solidariedade anarquista não se ajusta nem a normas nem a receitas infalíveis. O essencial da solidariedade é a continuação e agudização da ofensiva anarquista com todos os meios – desde um sacrílego e agressivo poster até uma acção com bombas ou balas contra os órgãos do existente.

A solidariedade transmite a mensagem sólida de que tudo segue e, como já disseram outros/as compas antes de nós: “a solidariedade entre anarquistas não é só palavras...”.

PEQUENA ENTREVISTA DA REDE TRADUTORA DE CONTRA-INFORMAÇÃO CONTRA INFO COM OS/AS MEMBROS DA CONSPIRAÇÃO DE CÉLULAS DE FOGO, DEZ COMPAS ENCARCERADOS/AS NA GRÉCIA

ABRIL DE 2013



Qual é a vossa postura em relação à prática da ocupação?

As ocupas sempre constituíram um meio para a insurreição anarquista. Os/as compas, ao ocupar um edifício na metrópole, basicamente libertam um dos seus pontos e abolem a uniformidade militar da planificação urbanística.

Uma ocupa pode ser um ponto hostil contra a dominação da mercadoria, da publicidade, do espectáculo. Constitue uma zona de guerra contra os fascistas, a bófia, os cidadãos legalistas. Basicamente, é um ponto físico onde se libertam ideias, sentimentos, criatividade e solidariedade. O tempo aqui determinam-no os nossos desejos, não o relógio das coações e as ordens.

No entanto, uma ocupa não é o centro da luta. De fato, a anarquia não tem centros, tem só círculos em constante movimento...

Para nós, a ocupação é um meio da anarquia, não o objectivo. Desafortunadamente, algumas ocupas na Grécia se auto-proclamam ilhotas de liberdade e marginalizam o resto das formas de acção directa. Assim, criam a seu redor um aparente oásis de liberdade no deserto metropolitano. Desta maneira, a continuação da existência de uma okupa converte-se num fim em si mesmo para alguns/mas anarquistas. O resultado é que alguns/mas ocupas, perante o possível perigo da repressão às suas ocupações, caem em deliberadas reduções do discurso e negociações reformistas com o Estado e os municípios, única e exclusivamente, para salvar o seu edifício. Há pouco, no caso do desalojo de Villa Amalias na Grécia, o partido de esquerdas, Syriza, sacou um comunicado de compaixão e apoio à ocupa e nenhum/a dos/as ocupas reagiu a este fato. Pelo contrário, houve grande tolerância e aceitação em relação aos círculos reformistas que apresentam as ocupas como centros culturais alternativos.

Para nós, uma ocupa anarquista é um laboratório vivo de subversão, rebelião e guerra contra o existente. É um ponto de encontro entre compas que se comunicam, intercâmbio de pensamentos, organizam e planificam novos ataques contra o Estado e a sua sociedade. Uma ocupa, pois, não são quatro muros no interior de um edifício, nem as suas portas e janelas. São as pessoas que participam nela, os seus desejos, as suas inquietações, os seus projectos. Nada disto desaparece com o encerramento ou a demolição de um edifício.

Qual a vossa opinião sobre se ha espaço para "alianças" com componentes da esquerda, no antifascismo?

Para nós, a luta antifascista será anarquista ou não será nada. As diferenças e os pontos de divergência que existem entre os componentes anarquistas e esquerdistas são fundamentais em todos os aspectos teóricos e práticos, por isso, não se podem criar pontos de encontro, mas somente pontos de ruptura e desacordos.

A essência do ataque anarquista está longe do derrotismo, da vitimização, das denúncias, características que prevalecem nas formações de esquerda. Qualquer aliança com este tipo de formações em nome de uma frente antifascista a única coisa que se pode conseguir é a deliberada redução do discurso e da práxis anarquista. Para nós, a luta antifascista significa que somos os primeiros que passamos ao ataque contra os fascistas, utilizando todos os meios contra eles, desde soqueiras e facas até bombas e balas.

O que tem de esperar alguém para passar à "auto-defesa" (ou, dito de outra maneira, à contra-violência) e ao contra-ataque?

Creemos que cada pessoa conforma para si mesma um universo inteiro. A partir desta óptica tudo é subjectivo. A nossa própria vida é a nossa narração pessoal, através dos nossos olhos. Por isso, não cremos nas condições objectivas que assimilam e aceitam a única e exclusiva verdade objectiva e revolucionária. Não existe uma realidade mas inumeráveis. Não aceitamos a produção massiva de consciências revolucionárias, nem de experiências subversivas, nem de gestos libertadores. Queimamos os calendários e sabotamos o tempo objectivo. Cada um de nós tem o seu "relógio" interno individual, que pode faze-nos explodir contra o existente.

Não fazem falta a espera para o momento mágico do despertar massivo, nem tampouco a demora para que nos sincronizemos com a lentidão duma multidão que parece adorar as sua cadeias. Passamos a ser os primeiros a atacar desde o momento em que sentamos a insatisfação inundar a nossa existência. Desertamos da posição de vítima que constantemente se defende e lançamos-nos ao assalto pelo infinito da anarquia...

Qual é, para vós, o "ponto fulcral" da corrente anti-sociedista e da própria batalha contra o existente?

O pensamento anarquista subversivo frequentemente encontra-se mutilado pela tirania da moralidade social e dos dogmas óbvios. Frente a nós encontramos constantemente a bipolaridade do bem e do mal. No rol do mal aparece o Estado despótico e, no rol do bem e da vítima perpétua, a sociedade oprimida. Mas, para nós, o Poder não é meramente uma banda reduzida de directores, líderes e patentes, mas uma relação social difusa.

O Poder existe tanto no canhão das armas da polícia como nas ordens do pai no seio de uma família patriarcal. A autoridade não diferencia entre pequenos e grandes tiranos. Está presente em cada aspecto da vida social, desde o feroz Poder das leis até ao mais simples gesto dentro de uma relação pessoal. Por isso, consideramos que a sociedade é a masmorra diáfana do Poder. No entanto, a manutenção do Poder não se deve só à repressão, mas também à aceitação de muitos.

Por isso, como anarquistas anti-sociais, queremos destruir a sociedade e a sua moralidade dominante. Quando dizemos "guerra contra a sociedade" não significa a morte massiva mas a morte dos papéis sociais. Não obstante, a sociedade de massas é filha do Poder. A coesão social constrói-se sobre a cultura autoritária massiva que exalta os ídolos do espectáculo, fala a língua da publicidade, incita à segregação racial e cria a multidão solitária sem rosto. Tal e como se escreveu sobre as sociedades das metrópoles: "nunca vi as casas dos humanos estarem tão próximas e, apesar disso, os humanos estarem tão longe uns dos outros e tão sós".

A anarquia anti-social golpeia a pirâmide autoritária da sociedade e promove os círculos anarquistas das comunidades. A comunidade humana, em contraposição à sociedade, promove a comunicação, a criatividade, a imaginação... A sociedade devora a singularidade do indivíduo dentro da multidão sem rosto, enquanto que a comunidade destaca o companheirismo colectivo como a base do livre encontro das individualidades. É a expressão da vida segundo os desejos e a abolição das normas.

Quão importante é para vós a proposta da abolição do trabalho?

A tirania do trabalho e a sua ética perseguem as nossas vidas. A superação do trabalho através da sua negação é um primeiro passo essencial com vista à conquista da nossa autonomia individual. Negamos-nos a ser mais uma das estatísticas passivas dentro do processo produtivo. O trabalho assalariado aliena-nos da criatividade, da imaginação e transforma-nos em engrenagens sem vontade própria da máquina social que devora corpos, sangue, sonhos e desejos. Odiamos as ordens dos supervisores e os ponteiros dos relógios que os chefes determinam. O trabalho é o tempo morto da nossa vida e que nos mantém presos/as debaixo das cadeias da rotina.

Não obstante, ainda mais insidiosa que a coerção do trabalho em si é a moral do trabalho. O trabalho assalariado deixou de ser escravidão e converteu-se em direito, assim que as massas de servos voluntários se entusiasмам com as suas próprias cadeias. Ao mesmo tempo, a corrente sociedista burocrática da anarquia enrola-se a si mesma em lógicas laboristas e a santificação do proletariado. Assim, esta corrente mostra-se cobarde e incapaz de defender e promover a prática anarquista dos assaltos-expropriações à mão armada. A anarquia oficial-civilizada prefere projectar maneiras de auto-gestão da miséria e da opressão através de uniões autónomas de trabalhadores, em vez de projectar de modo claro a prática do assalto e a negação total do trabalho.

Para nós, os assaltos à mão armada dos templos económicos do Poder conformam uma parte integral da nova guerrilha anarquista urbana. Trata-se da combinação da libertação individual da opressão do trabalho e da projecção colectiva pela abolição da escravatura assalariada. No entanto, neste ponto também teremos de nos encontrar sempre atentos. O assalto a um banco em si mesmo não é mais que um lindo momento de adrenalina. Se o/a assaltante só nega o trabalho, mas ao mesmo tempo mantém dentro de si a cultura dominante, adorando a pasta e atraído/a pela mania consumista, então, a sua acção pode ser ilegal mas não recusa a moral social.

O assalto, para nós, não é uma acção de enriquecimento fácil, mas uma opção consciente para se re-apropriar do tempo roubado e libertar-lo, atacando os ídolos falsos do existente. Por isso, as escusas, os moralismos laboristas e as vacilações devem pôr-se ao lado, para se iniciar então, nos círculos anarquistas, um verdadeiro debate sobre a insurreição anarquista armada e a abolição do trabalho para sempre.

Porque contribuem com todas as vossas forças a partir do interior da prisão na difusão das ideias e publicações anarquistas?

Dado que a condição de cativo nos impôs muitas restrições e nos privou igualmente de muitas possibilidades para actuar ofensivamente, como nós gostaríamos, temos dado prioridade à difusão do discurso anarquista ofensivo, que segundo a sua forma e conteúdo pode fazer-se tão cortante como um punhal afiado.

Dado que depois das nossas detenções caíram as máscaras, temos a oportunidade de projectar e falar sobre o ataque directo com todos os meios contra o existente, através da reivindicação da responsabilidade da nossa participação no grupo anarquista de acção directa Conspiração de Células de Fogo. Assim, abrimos um diálogo vivo com todos aqueles compas que actuam ofensivamente contra a dominação.

Consideramos que, desta maneira e apesar das limitações com que nos enfrentamos como presos nas mãos do Poder, contribuimos para moldar uma frente ofensiva da internacional negra dos anarquistas da práxis.

A nossa contribuição para algo assim leva-nos a dar um “passo” mais próximo da liberdade, dado que nos escapamos imaginariamente e a nossa mente e coração acompanham cada ataque de acção directa contra a civilização do Poder. Assim, sentimos-nos mais vivos/as, mais vigorosos/as e mais fortes, posto que o nosso ânimo reforça-se ao pensarmos que as cadeias do cativo não podem reprimir o impulso da nossa alma insurrecta.

Esta é a razão pela qual contribuimos com todas as nossas forças na difusão das ideias e publicações anarquistas.

Existem desacordos entre as vossas próprias individualidades? Quer dizer, entre os/as membros da Conspiração de Células de Fogo? Se assim é, como fazem para tomar decisões conjuntas?

A Conspiração de Células de Fogo é um grupo de anarco-individualistas e nihilistas que se encontram sob os desejos colectivos, eleições e acções colectivas. Cada um/a de nós, individualmente mas também todos/as juntos/as a nível colectivo, promovemos os valores e as características da nova guerrilha urbana anarquista. Cremos que, a miúdo, as acções falam melhor que as palavras. Para além disso, somos pessoas que vimos de distintos caminhos, distintas experiências, istintos círculos sociais, mas o que nos une é o fogo da práxis e a constante insurreição existencial da anarquia. A nova guerrilha urbana anarquista é uma decisão que não tem retorno. Vamos em frente queimando as pontes que nos unem à ordem e à tranquilidade do mundo da normalidade.

Claro que, entre nós, nos nossos encontros, nos nossos debates, há às vezes desacordos que explodem, criando novos debates, novos acordos e desacordos. Mas só assim vem a evolução, através das contra-posições e da ruptura. A unanimidade dos acordos em massa conduz à uniformidade que, para além de ser uma seca também é fascista, dado que afoga as características únicas e especiais da nossa individualidade. A nossa decisão de actuar contra o existente deixa espaço para que os nossos desacordos se expressem de forma criativa com vista à perspectiva da agudização do ataque anarquista, e não ao surgimento de personalidades carismáticas que flutuam nas águas paradas do palavreado assembleário e na indefinição. Com os nossos desacordos não queremos convencer-nos uns aos outros, somente desejamos tanto escutar como falar. Para nós, isso é a comunicação anarquista, uma forma de expressão sem garantias nem certezas. Todas as nossas relações se põem à prova diariamente para comprovar que mereceram a pena e se continuam sendo uma opção que não se sacrifica no altar da rotina. Para além disso, a Conspiração de Células de Fogo não tem nem um comité central nem uma linha oficial invisível. É o encontro dos nossos desejos, longe dos “há que” de uma unidade forçada. Por isso, quando às vezes um desacordo é mais forte que a perspectiva de um acordo, então este se liberta de forma criativa, através de uma iniciativa autónoma. O conceito da iniciativa não só não é prejudicial para a Conspiração como, pelo contrário, renova as nossas relações, numa plenitude e liberdade criativa. É um passo mais até ao sol da anarquia...